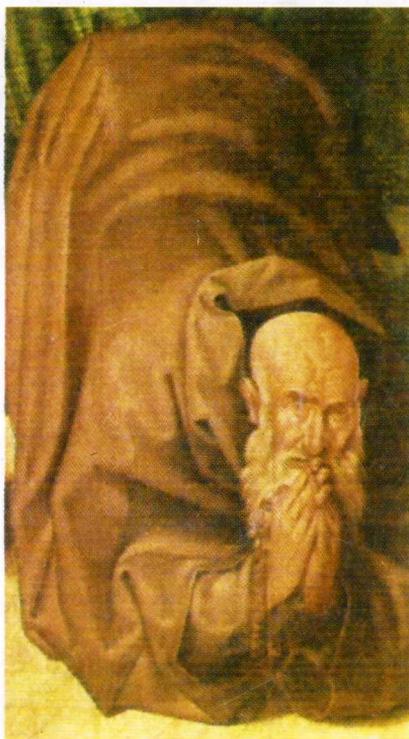


O INFANTE D. HENRIQUE, *NAVEGADOR*



O falso Infante



O Verdadeiro

Lenine PINTO
Natal, 2006

9.7
591

CAPA: Supostas figurações do Infante D. Henrique no políptico de Nuno Gonçalves, reproduzidas em *Os Painéis de D. Afonso V e o Futuro do Brasil*, do prof. José Luís Conceição Silva. Artgráfica, Brasília, 1997.

O INFANTE D. HENRIQUE, *NAVEGADOR*

Natal, 2006

O INFANTE D. HENRIQUE, NAVEGADOR

Lenine PINTO

Esboço biográfico

**“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce,
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma...”**

Fernando Pessoa

O Infante, em *Mensagem*, p. 35

O Infante D. Henrique, filho de D. João I, fundador da dinastia de Aviz, e da Princesa de Inglaterra *Dona Filippa de Lancastre*, nasceu na cidade do Porto em 1393. Chegou a dividir o poder com seu irmão mais velho, D. Pedro, a quem coube a regência do Reino durante a menoridade de D. Afonso V, enquanto a D. Henrique foi confiada a administração do empreendimento marítimo. Por isso foi cognominado erroneamente de *o navegante*, título inventado - segundo Samuel

Morison - por seus biógrafos ingleses, principalmente R. H. Major, eis que toda a experiência marinheira do jovem príncipe se limitara a duas travessias do estreito de Gibraltar. Mas sua mãe era filha do “velho John de Gaunt, do nobre clã dos Lancaster, o que fazia dele uma espécie de inglês honorário.”¹ Peter Russell diz que a atração dos ingleses pelo Infante data dos “começos da expansão oceânica e colonial da Inglaterra,” salientando que, em 1625, o geógrafo Samuel Purchas já o considerava “a primeira pessoa a demonstrar o gênio inglês para a exploração marítima,”² alçando-o assim à categoria de *navigator* lusobritânico de boa estirpe.

Apesar do “olhar banhado nessa espécie de ilimitação e melancolia dos que perseguem um sonho interior” – como o descreve Jaime Cortesão – D. Henrique “foi dotado duma extraordinária energia física. Durante a tomada de Ceuta (em 1415) distinguiu-se entre os demais guerreiros pelejando cinco horas contínuas sob o peso das armas, em plena zina - ou seja, no auge “abrasante dum agosto africano.”³ Essa luta, autêntica *Cruzada* para desalojar os mouros do baluarte fronteiro à Gibraltar, resultou na destruição das 24 mil lojas do entreposto de especiarias ali existentes, arrasadas para que os invasores se tornassem, no dizer de Daniel Boorstin, “possuidores de uma cidade sem lucro, morta.”⁴

Fincaram, porém, um pé na África, e era isso o que almejava D. João I, não o bem-estar dos muçulmanos. Tanto assim que a El-rei e aos padres-soldados da Ordem de Cristo seus seguidores, animava não apenas pretensões territoriais, mas a evangélica missão de vingar Jerusalém *lavando as mãos no sangue dos infiéis*. Dizia-se.

Com os marroquinos aprendeu D. Henrique que, adiante do cabo Bojador – limite inexorável das navegações de então – havia ainda muitas terras a descobrir. Em virtude disso, segundo reza a tradição, teria instalado em sua vila de Têrça Naval, no promontório de Sagres, junto ao cabo de São Vicente, um observatório astronômico e um estaleiro para a construção de navios, ademais de reunir ali, para estudos náuticos, um “séquito” de matemáticos judeus, cartógrafos catalães,

pilotos de várias origens e outros que “para isso educava” – informa Pedro Calmon – e aos quais o almirante Costa Brochado acrescenta “doutores astrólogos, mareantes, e construtores de instrumentos náuticos,”⁵ o que deu a essa confraria o título “sem rigor verbal” de *Escola de Sagres*.⁶ Para Cortesão, “a questão tão debatida em torno dessa Escola parece-nos ociosa. Ela nunca existiu.”⁷

Pandiá Calógeras imaginou o Infante nesse *ninho feudal*, acendendo “o facho de energia e de luz que aclarou o Atlântico inteiro,”⁸ enquanto o poeta Fernando Pessoa vislumbro-o “em seu trono entre o brilho das esferas, com seu manto de noite e solidão, tendo aos pés o mar novo e as mortas eras – único imperador que tem deveras, o globo mundo em sua mão.”⁹

Dos estudos técnicos realizados em Sagres resultou a simplificação do astrolábio “até ficar apenas a roda *graduada* e a *declina*, ou alidade, únicas partes do velho e complicado astrolábio grego que interessavam... transformando-o num instrumento de observação astronômica útil, primeiro em terra e, depois, até no mar largo,” conforme Costa Brochado.¹⁰

Dentre outras benesses às navegações da época, ressalte-se a definição do formato, tamanho e peso dessa maravilha flutuante que foram as Caravelas (do árabe *caravo* [barco] + *ela* [diminutivo] = significando *barco pequeno*) aprimoramento de um tipo de veleiro tosco, de fundo chato e pouca profundidade, utilizado por volta de 1400 para pesca litorânea nas costas do Egito e da Tunísia, bem assim pelos europeus em estuários difíceis, como faziam os portugueses para subir o Douro utilizando barcos chamados de *rebelos*.

As Caravelas não deixavam, contudo, de ser uma criação original da arte marítima henriquina, que se transformou no entender de Morales Padrón, no “mais adequado navio para os mares explorados pelos seus marinheiros.”¹¹ Havia razão para isso, pois projetavam modelos especialmente para os descobrimentos, conseguindo que fossem ao

além-mar, e voltassem navegando de bolina contra o vento. Alvise Cadamosto, último navegador veneziano à serviço de D. Henrique, afirmava que “as Caravelas eram os melhores barcos do mundo que nadavam sobre o mar e não havia sítio onde não pudessem navegar,”¹² o que lhes possibilitou por mais de meio século a progressão ininterrupta pela costa d’África, até a borda do Golfo da Guiné, alargando perspectivas para as viagens de Diogo Cão e Bartolomeu Dias à procura do *finisterra* que seria alcançado em tempos de D. João II, abrindo as portas do Índico às navegações de Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e dos que se lhes seguiram.

Samuel Johnson contesta os benefícios das explorações henriquinas: “o que a espécie humana ganhou e perdeu com o gênio e desígnios de D. Henrique seria extenso enumerar e muito difícil de avaliar;”¹³ secundado por Peter Russel, para quem “nos nossos dias, a intolerância face ao tradicional menosprezo da mitologia henriquina pela probabilidade histórica e ao seu aproveitamento político, deu origem a uma espécie de reação anti-henriquina em alguns círculos acadêmicos de Portugal.”¹⁴

D. Henrique era uma figura enigmática. William Robertson, historiador norte-americano do século XVIII, via-o “como um misto de general e Quaker benemérito” - observando que, ao espírito marcial característico de todo nobre daquele tempo, ele acrescentava os feitos de uma era mais iluminada e cortês.”¹⁵

Segundo Azurara, cronista régio e chanceler dos arquivos nacionais no período de D. Afonso V (citado por Jaime Cortesão) D. Henrique “foi casto, sóbrio, austero. Acusam-no de homem de coração duro... porquanto em desavenças com seus próprios irmãos, privilegiou as razões de Estado sobre os impulsos afetivos.”¹⁶

Não salvou, podendo tê-lo feito, a vida de um deles, D. Fernando, o *Infante Santo* (1402-1443) aprisionado pelos árabes quando de malfadada expedição à Tanager em 1437, tendo o infeliz cativo penado

durante seis anos um martírio abominável, de que só a morte o libertou; e a conduta de D. Henrique em relação ao infante D. Pedro durante desentendimentos com o duque de Bragança, terminou conduzindo à Batalha de Alfarrobeira.¹⁷

Beato de carteirinha o Infante revelava, contudo, extremos de sensibilidade. Quando da morte de seu vedor Vasco Fernandes de Ataíde (**vedor**: *aquele que vê*, inspeciona ou fiscaliza) pranteia dias seguidos a morte do seu leal servidor, dirigindo lamentações a quantos o pretendiam consolar, e dramatiza ao encontrar-se com a mãe de Vasco, que acaba por dirigir palavras de conforto ao desolado Infante.¹⁸ Para Boorstin, toda sua vida foi alternada entre as cruzadas e as explorações marítimas, comparando-se a São Luiz, muito embora fosse “menos engajado.” “Tomar uma taça de vinho da Madeira era sua única extravagância...” revela o autor norte-americano.¹⁹

Apesar da religiosidade, o Infante era escravocrata. Charles McKew Parr relata que ele “prometeu libertar condenados de justiça que quisessem trabalhar em suas terras, e inclusive mandou navios capturar mouros na costa marroquina, para torná-los cativos nas (suas) plantações da Madeira e dos Açores.”²⁰ Segundo Florentino Perez Embid, “inicialmente, el propósito [das navegações henriquinas] estuvo claro: habia que ir buscar ‘alem-mar’ a unos musulmanes que ya no podían encontrarse en el Algarbe.”²¹ E, segundo Boorstin, em 1444 Gil Eanes trouxe da área do Cabo Branco, na Maurítânia, “a primeira carga humana - duzentos africanos -, para serem vendidos como escravos em Lagos [no Algarve].”²² Deve ser o mesmo fato relatado por Duarte Pacheco no *Esmeraldo*: D. Henrique mandara Eanes de volta ao Bojador em companhia de Afonso Gonçalves Baldaia e mais “gente de cavalo”, com o objetivo de “fazer um (as)salto para cativarem mouros.”²³

Não param aí os registros da vocação escravagista portuguesa. Simon Berthon e Andrew Robinson, tratando dos rigores da política de sigilo,

revelam que essa *xenofóbica política* tinha por escopo “proteger o acesso ao ouro e aos escravos africanos.”²⁴

Já a senhora Bertha Dodge com isenção, assinala: “Portugal somente poderia colher as safras agrícolas de que seu povo necessitava, se os marinheiros trouxessem da África os escravos para cultivá-las.”²⁵

Neste sentido cumpre reconhecer que “as navegações iniciadas por D. Henrique, não se conduziram por um espírito místico e de aventura, mas por uma concepção econômica e política sistemática,” como afiança Malheiros, embora Magalhães Barreto detecte, além desse ordenamento do *espírito templário* ao estilo da Ordem de Cristo, a aquisição de conhecimentos de ciência oriental e o enriquecimento do país através de novas linhas comerciais.²⁶ Não seria fácil em razão das condições da época, excluir a submissão de aborígenes.

Segundo Russell, “Robertson concluiu, com ingenuidade, que a maioria dos portugueses contemporâneos do Infante deve ter considerado que os seus propósitos não eram inspirados pela ambição ou quaisquer desejos de riqueza mas fluíam, como ele expressou, “do fervor de um coração ávido em promover a felicidade dos homens.”²⁷

Um aspecto a ser ressaltado na biografia do Infante é o da sua verdadeira aparência. Já vimos que ele tinha olhar melancólico de sonhador e compleição de guerreiro. Cortesão completa o retrato com base no políptico (seis tábuas ou painéis quatrocentistas atribuídos a Nuno Gonçalves) achado em 1882 e que se encontra no Museu de Arte Antiga, chamado *das Janelas Verdes*, em Lisboa – informando sobre sua “estatura pouco mais que média, membros longos e robustos, tez morena, cabelos alenventados, rosto de traços fortes, testa alta, malares visíveis, queixo grande e proeminente.”²⁸

Naquela obra o príncipe aparece com um largo “chapéu borgonhês” (José Luís Conceição Silva²⁹) ou o “chapeirão preto burgúndio, tão

grande como uma roda de carroça” (Peter Russel³⁰) e um bigode de personagem mexicano de filme de faroeste.

Para o professor Conceição Silva o Infante não seria esse janota, mas o devoto idoso que aparece noutra tábua do políptico, de “barba completa e o cabelo raspado” conforme a norma imposta por S. Bernardo – e, portanto, igual à sua estátua nos Jerônimos – rezando de joelhos, “cotovelos firmes também no chão,” bunda pra cima, na posição maometana adotada pelos religiosos da Ordem de Cristo [da qual era Provedor] tendo nas mãos um colar ou rosário (*terço*) feito de ossos de peixe, semelhante àqueles “observados nas mãos das duas senhoras retratadas no mesmo Painel (...) de uso comum entre os pescadores do Algarve, e (que) parece ser uma tradição de origem muçulmana.”³¹ No mesmo sentido Russel, para quem a tão difundida imagem do Infante “não corresponde nem à descrição, por Zurara, do seu aspecto físico, nem à efígie no seu túmulo, no Mosteiro da Batalha.”³²

* * *

O Infante D. Henrique foi encontrado morto, em 1460, “vestindo uma camisa de pelos de cabra”³³ a que se chama *cilício*: “pequena túnica ou cinto ou cordão, de crina, de lã áspera, às vezes com farpas de madeira, que, por penitência, se trazia vestido diretamente sobre a pele, “segundo o AURÉLIO.

NOTAS:

- ¹ Samuel Morison, **The European Discovery of America/The Southern Voyages**, p. 23;
- ² Peter Russell, **Henrique. O Navegador**, p. 17;
- ³ Jaime Cortesão, **A Expansão dos Portugueses no Período Henriquino**, p. 51;
- ⁴ Daniel Boorstin, **The Discoverers**, p. 159;
- ⁵ Alm. Costa Brochado, **Descobrimento do Atlântico**, p. 26;
- ⁶ Pedro Calmon, **História do Brasil**, 3^a ed., vol. I, p. 15;
- ⁷ Cortesão, *ibid.*, p. 78;
- ⁸ Pandiá Calógeras, **Formação Histórica do Brasil**, p. 19;
- ⁹ Fernando Pessoa, poema *A Cabeça do Grifo*, em **Mensagem**, p. 29;
- ¹⁰ Bruchado, *ibid.*, p. 34;
- ¹¹ Morales Padrón, **Manual de Historia Universal**, tomo V, p. 127;
- ¹² Cadamosto, *apud* Freitas Mourão, **Dicionário das Descobertas**, p. 75;
- ¹³ Samuel Johnson, *apud* Peter Russel, *ibid.*, p. 18;
- ¹⁴ Russel, *ibid.*, pp. 19-20;
- ¹⁵ Russel, *ibid.*, p. 18;
- ¹⁶ Cortesão, *ibid.*, p. 52;
- ¹⁷ *Verbete* no Dicionário LELLO, p. 1605;
- ¹⁸ Cortesão, *ibid.*, p. 53;
- ¹⁹ Daniel J. Boorstin, **The Discoveres**, p. 159;
- ²⁰ Boorstin, *ibid.*, p. 159;
- ²¹ Charles McKew Parr, **Magallanes, um noble capitán**, p. 41;

²² Florentino Perez Embid, **Los Descubrimientos en el Atlántico y la Rivalidad Castellano-Portuguesa hasta el Tratado de Tordesillas**, p. 21;

²³ Boorstin, *ibid.*, p. 167;

²⁴ Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, livro I, cap. 23;

²⁵ Berthon, Simon e Robinson, Andrew, **The Shap of the World**, p. 57;

²⁶ Bertha Dodge, **Quest for Spices and New Worlds**, p. 57;

²⁷ Pedro Calmon, *ibid.*, vol. I, p. 37;

²⁸ Carlos Malheiros Dias, **A Expedição de 1501**, em *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. II, p. 183, nota nº 45, e, p. 65;

²⁹ Russell, *ibid.*, p. 18; ;

³⁰ José Luís Conceição Silva, **Os Painéis de D. Afonso V e o Futuro do Brasil**, pp. 61 e 64;

³¹ Conceição Silva, *ibid.*, *passim*;

³² Cortesão, **A Expansão dos Portugueses no Período Henriquino**, p. 53;

117. Florentino Pérez Lirio, *Los Descubrimientos en el Atlántico y la Rivalidad Castellano-Portuguesa hasta el Tratado de Tordesillas*, p. 21.
 118. Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, livro I, cap. 23.
 119. Gordon Sayer Hughes, *The Discovery of the World*, p. 27.
 120. Benha Dodge, *Quest for Sineus and New Worlds*, p. 27.
 121. Pedro Caimon, *ibid.*, vol. I, p. 37.
 122. Carlos Marinho Dias, *A Expedição de 1501 em História da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. II, p. 183, nota nº 45, p. 67.
 123. Russell, *ibid.*, p. 182.
 124. José Luis Conceição Silva, *Os Paisões de D. Afonso e o Futuro do Brasil em 1501*, Conceição Silva, *ibid.*, p. 100.
 125. Conceição, *A Expansão dos Portugueses no Período Henriques*, p. 23.
 126. V. Amorim, *ibid.*, p. 107.

BIBLIOGRAFIA:

BARRETO, Augusto Mascarenhas – **O português Cristóvão Colombo, agente secreto do rei Dom João II** - Ed. Referendo, Lisboa, 1988.

BERTHON, Simon e ROBINSON, Andrew, **The Shape of the World/ The Mapping and Discovery of the Earth** - Rand McNally, New York, 1991.

BOORSTIN, Daniel J. – **The Discoverers/A History of Man's Search to Know his World and Himself**, Vintage Books/Random House, New York, 1983.

BROCHADO, Almirante Idalino Ferreira da Costa - **Descobrimento do Atlântico**, Ed. Gráfica Portuguesa Ltda., Lisboa, 1958;

BUENO, Eduardo – **A Viagem do Descobrimento**, Ed. Objetiva Ltda., Rio, 1998.

CALMON, Pedro – **História do Brasil**, 3ª ed., vol. I, Liv. José Olympio Ed., Rio de Janeiro, 1971.

CALÓGERAS, Pandiá – **Formação Histórica do Brasil**, Pimenta de Mello & Cia., Rio de Janeiro, 1930

CONCEIÇÃO SILVA, José Luís – **Os Painéis de D. Afonso V e o Futuro do Brasil**, Artgraf Editora, Brasília, s/d

CORTESÃO, Jaime – **Obras Completas, nº 7 - A Carta de Pêro Vaz de Caminha**, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1994.

_____ - **A Expansão dos Portugueses no Período Henriquino**, *Obras Completas V*, vol. 4, Portugália Editora, Lisboa, 1965.

_____ - “” “” n° 20 – **A Política de Sigilo nos Descobrimentos**, Imp. Nacional, Casa da Moeda, Lisboa, 1997.

_____ - **Los Portugueses** (vol. III da *Historia de América/ Génesis del Descubrimiento*, organizada por Antonio Ballesteros Beretta) -, Salvat Editores, Barcelona-Buenos Aires, 1947.

COUTINHO, Alm; Gago - **O Roteiro da viagem de Vasco da Gama e a sua versão nos “Lusíadas”** - Portugalia Editora, Lisboa, 1930.

DIAS, Carlos Malheiros – **Introdução à História da Colonização Portuguesa do Brasil**, Litografia Nacional, Porto, 1921.

DIAS, Carlos Malheiros - **A Expedição de 1501**, em *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. II, *ibid*.

DODGE, Bertha S. - **Quests for Spices and New Worlds** - Archon Books, Hamdem, Connecticut, 1988.

EMBED, Florentino Peres - **Los Descubrimientos en el Atlântico y la Rivalidad Castellano Portuguesa Hasta el Tratado de Tordesillas** - Escuela de Estudios Hispano-Americanos de Sevilla, 1948.

GALLEZ, Paul – **Cristobal de Haro, Banqueros e Pimenteros em busca dos Estrecho Magallanico**, Instituto Patagonico, Universidade de Bahia Blanca, Argentina, s/d.

KLINK, Amir - **Cem Dias Entre o Céu e o Mar**, 3ª ed. José Olimpico, Rio de Janeiro, 1985..

LEITE, Duarte - **O Mais Antigo Mapa do Brasil**, Hist. da Col. Port. do Brasil, vol. II.

MARJAY, Frederic P. e Habsburg, Otto von - **Portugal, Pioneer of New Horizons** -, Livraria Bertrand, Lisboa, 1965.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas - **Dicionário das Descobertas**, Ed. Pergaminho, Cascais/Portugal, 2001.

MORISON, Alm. Samuel E. – **The European Discovery of America/ The Southern Voyages**, Oxford University Press, New York, 1974.

PADRÓN, Morales - **Manual de Historia Universal**, tomo V, *Historia Geral de América*, Espasa-Calpe S.A., Madrid, 1962.

PARR, Charles McKew – **Magallanes, Um Nobre Capitan**, Editorial Sapientia, Madrid.

PEREIRA, Duarte Pacheco - **Esmeraldo de Situ Orbis**, ed. da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1905.

PERES, Damião - **História dos Descobrimientos Portugueses**, Ed. do Autor, 2ª. edição, Coimbra, 1960.

PESSOA, Fernando – **Mensagem**, Liv. Civilização Editora, Porto,

PRESTAGE, Edgard – **The Portuguese Pioneers**, Barnes & Noble, New York, 1967.

RUSSELL, Peter - **Henrique o Navegador**, Livros Horizonte, Lisboa, 2004.

Lenine Pinto é ocupante da Cadeira nº 34 da Academia Norte-riograndense de Letras

MARX, Karl - *Das Kapital* - 3 Bände - Berlin, 1955.

MOURA, R. - *Os Descobrimentos Portugueses* - 2 vols. - Lisboa, 1995.

MURPHY, J. - *The European Discovery of America* - Oxford University Press, 1998.

OLIVEIRA, J. - *Os Descobrimentos Portugueses* - Lisboa, 1995.

PEREIRA, J. - *Os Descobrimentos Portugueses* - Lisboa, 1995.

PEREIRA, J. - *Os Descobrimentos Portugueses* - Lisboa, 1995.

PEREIRA, J. - *Os Descobrimentos Portugueses* - Lisboa, 1995.

PEREIRA, J. - *Os Descobrimentos Portugueses* - Lisboa, 1995.

PEREIRA, J. - *Os Descobrimentos Portugueses* - Lisboa, 1995.

PEREIRA, J. - *Os Descobrimentos Portugueses* - Lisboa, 1995.

PEREIRA, J. - *Os Descobrimentos Portugueses* - Lisboa, 1995.

PEREIRA, J. - *Os Descobrimentos Portugueses* - Lisboa, 1995.

PEREIRA, J. - *Os Descobrimentos Portugueses* - Lisboa, 1995.

PEREIRA, J. - *Os Descobrimentos Portugueses* - Lisboa, 1995.

PEREIRA, J. - *Os Descobrimentos Portugueses* - Lisboa, 1995.



LENINE PINTO fala sobre o Descobrimento do Brasil no litoral do Rio Grande do Norte. Conferência/debate no *Campus Humaitá* da **UniverCidade** do Rio de Janeiro em 30 de setembro de 2002, tendo como mediador o Embaixador Nuno d'Oliveira.



E-mail: lumagrafica@uol.com.br
Tels.: 3211.1140 / 3211.8371